MULHER AFRICANA ESCRAVIZADA NO PERÍODO BRASIL COLÔNIA

FERNANDA BORGES DA SILVA

RESUMO: Durante o período colonial no Brasil, a presença e o papel das mulheres africanas escravizadas foram fundamentais para o crescimento econômico do país, mas frequentemente invisibilizados na historiografia tradicional. As mulheres africanas desempenharam papéis diversos e complexos tanto nas sociedades escravizadas quanto nas coloniais. A história das mulheres africanas escravizadas é sinônimo de resistência, força e contribuição cultural e social significativas e sua história tem sido um tema de crescente interesse e pesquisa acadêmica. No Brasil colônia a influência em diversos âmbitos da mulher africana escravizada tem sido invisibilizados dentro da história tradicional, sendo assunto que desperta interesse dentro da comunidade acadêmica, sobretudo dentro dos movimentos negros. A escravidão no Brasil começou com a chegada dos portugueses no século XVI, durou, oficialmente, até abolição em 1888, mas deixando marcas e rastros inapagáveis na história do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher, África, Escravidão, Brasil.

ABSTRACT: During the colonial period in Brazil, the presence and role of enslaved African women were fundamental, but often invisible in traditional historiography. African women played complex and diverse roles in both enslaved and colonial societies. The story of enslaved African women in Brazil is a testament to resistance, strength, and significant contribution, and their story continues to be an area of growing interest and academic research. During the colonial period in Brazil, the presence and role of enslaved African women were fundamental, but often invisible in traditional historiography, left enduring marks and indelible legacies that continue to shape the country's history and memory.

KEY-WORDS: Women, Africa, Slavery and Brazil.

1 INTRODUÇÃO

A história da escravização dos negros africanos no período colonial está profundamente entrelaçada com a subjugação da mulher no Brasil Colônia, que começou no início do século XVI, com a chegada dos portugueses. O tráfico de africanos para o Brasil foi uma parte crucial do sistema colonial, e as mulheres desempenharam papéis significativos, complexos e pouco comentado na sociedade escravizada e colonial.

A escravização africana no Brasil começou em 1530, quando os portugueses, em busca de uma mão-de-obra mais abundante, de baixo custo e resistente ao clima tropical do Brasil, começaram a importar africanos escravizados. Inicialmente, os africanos eram trazidos para trabalhar nas plantações de açúcar, que se tornaram o principal motor da economia colonial. Cabe lembrar que essa 'importação' de pessoas escravizadas, uma migração forçada, é considerada um dos maiores sequestros em massa que se tem conhecimento na história. Crueldades cometidas com pessoas que, forçadas abandonar sua cultura e costumes, sofreram com os atos mais desumanos que se tem conhecimento e, arrisco-me afirmar, talvez os mais sofríveis que a história do nazismo alemão, pois ainda nos tempos atuais trazem consequências desastrosas nos mais diversos aspectos como saúde, economia, social, religioso e educacional.

O tráfico transatlântico de escravizados foi uma das maiores e mais desumanizantes rotas comerciais da história. Entre os séculos XVI e XIX, estima-se que cerca de 4 milhões de africanos foram trazidos para o Brasil. Esse processo foi marcado por extrema brutalidade, com muitos africanos capturados em suas terras natais e forçados a atravessar o Atlântico em condições insalubres e desumanas. Nesse processo há o conhecimento de grandes contaminações de doenças fatais como parasitoses, disfunções por má alimentação, doenças de pele e tantas outras, sem esquecer das doenças de cunho emocional que acometia os africanos. Notamos tal emoção no trecho do poema de Cruz e Sousa, Tristeza do Infinito:

"Anda em mim soturnamente uma tristeza

ociosa sem objetivo, latente, vaga indecisa, medrosa
Como ave torva e sem rumo ondula, vagueia, oscila e sobe em nuvens de fumo e na minh'alma se asila".

Não diferente, porém esquecidas em suas especificidades, assim que chegaram ao Brasil, as mulheres africanas escravizadas enfrentaram uma realidade de severa desigualdade e exploração. Sua situação era marcada pela dupla opressão: como mulheres e como escravizadas. Elas eram submetidas a trabalhos pesados, condições de vida precárias e frequentemente enfrentavam abusos físicos e sexuais, o que fomentava a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis. A relação da mulher com sua fertilidade criava oportunidades para o aumento de lucro de seus senhores, obrigando-as gerar filhos que ora eram vendidos, ora mantidos no local de sua genitora para futuro trabalho nas lavouras. Ainda, após o parto, a mulher escravizada, era submetida como ama de leite para os filhos de seus patrões, tendo em vista que as esposas brancas não se ocupavam de amamentar os herdeiros dos grandes senhores de escravos.
Uma citação bastante usada pela historiografia brasileira sobre essas amas de leite negras escravizadas de Jurema Werneck, que diz:

"As amas de leite negras escravizadas, ao mesmo tempo em que alimentavam os filhos das senhoras brancas, eram obrigadas a negar o seio aos seus próprios filhos, sendo violentamente afastadas da experiência materna."

Neste contexto doméstico, as mulheres escravizadas sofriam uma significativa ruptura com seus próprios filhos e tradições culturais que traziam de seus antepassados. O trabalho das mulheres africanas também incluía tarefas nas plantações de açúcar, cafés e minas de exploração de pedras preciosas.
Apesar das duras condições, as mulheres africanas escravizadas mantiveram vivas suas tradições culturais e religiosas como forma de resistência. Elas desempenharam um papel crucial na transmissão de conhecimentos, práticas e crenças africanas para as gerações seguintes. Essas práticas influenciaram profundamente a cultura brasileira, refletindo-se em festas, danças, músicas, vestimentas e culinária. Neste período escravista no Brasil, apesar da violência e da tentativa de apagamento cultural, os africanos escravizados preservaram elementos essenciais de suas tradições, reelaborando-os no novo contexto. Essa resistência cultural se manifestou na religiosidade (como o candomblé e outras práticas sincréticas), na língua (com palavras e expressões incorporadas ao português), na culinária (acarajé, feijoada, dendê), na música e dança (samba, maracatu, capoeira) e nas formas de solidariedade comunitária (irmandades, quilombos). Essas práticas não apenas mantiveram vivas identidades africanas, mas também transformaram profundamente a formação cultural brasileira, deixando marcas que permanecem até hoje.

2 DESENVOLVIMENTO

As mulheres africanas escravizadas eram frequentemente designadas para trabalhar nas plantações de açúcar e café. Esse trabalho era fisicamente extenuante e realizado sob condições brutais. Elas eram responsáveis por tarefas como a colheita de cana-de-açúcar, a lavagem e o processamento das folhas de café, e o transporte de cargas pesadas. Além das exigências produtivas, sofriam violência física e psicológica, sendo frequentemente vítimas de abusos sexuais por parte dos senhores, o que agravava ainda mais sua vulnerabilidade. Esse contexto revela como sua exploração ultrapassava a dimensão econômica, estendendo-se também ao corpo e à vida íntima, reforçando a lógica de desumanização que estruturava a escravidão.
Nas casas dos senhores, as mulheres realizavam tarefas domésticas como cozinhar, limpar, lavar roupas e cuidar dos filhos dos senhores. Esse trabalho muitas vezes envolvia longas horas e pouca ou nenhuma compensação. Algumas mulheres também eram forçadas a servir como "amas de leite", amamentando os filhos dos senhores brancos, o que representava um imenso sacrifício pessoal. Elas eram responsáveis pela limpeza, organização, preparo dos alimentos e, al-

guns casos, serviam aos seus senhores em seus quartos, quando do resguardo de suas esposas, reforçando a força e opressão do patriarcado da época.
Além das plantações e das casas, as mulheres africanas escravizadas trabalhavam em outros setores, como nas minas e na construção de infraestruturas, onde eram submetidas a condições igualmente severas e perigosas. Os castigos físicos, verbais e até estupros eram uma maneira de obrigá-las cumprir suas tarefas com excelência. Tais experiências causava uma falsa sensação de que o trabalho doméstico seria um privilégio daquelas que conseguiam servir na casa grande.
A resiliência das mulheres africanas escravizadas se manifestava na forma como lidavam com o trabalho extenuante e as condições opressivas. Elas encontravam formas de preservar tradições culturais, transmitir saberes ancestrais, fortalecer os laços comunitários e criar estratégias de resistência cotidianas, como o cuidado coletivo, a religiosidade e até mesmo a rebeldia silenciosa contra a ordem escravocrata. Ainda, muitas vezes, elas encontravam formas de apoio mútuo e solidariedade entre si, criando redes informais de apoio que ajudavam a enfrentar as adversidades, além da preservação de seus idiomas, manifestações religiosas por meio do sincretismo e transmissão de saberes ancestrais, como alimentos, cantos, vestimentas, bem como práticas de cura e rituais que mantinham vivas as conexões com a África, assegurando identidade cultural e resistência frente à opressão, dentre outros.
A religiosidade para a mulher africana representava não apenas uma forma de expressão espiritual, mas também um espaço de resistência, preservação cultural e fortalecimento comunitário, no qual elas assumiam papéis centrais como guardiãs de saberes, lideranças em rituais e transmissoras de tradições às novas gerações.
"Apesar da violência do cativeiro, os africanos escravizados preservaram e transmitiram, de geração em geração, práticas culturais, religiosas e linguísticas que não apenas resistiram ao processo de apagamento, mas também moldaram a identidade da sociedade brasileira." João José Reis, A morte é uma festa (1991).

As mulheres vindas da sociedade antiga da África enfrentavam, no Brasil Colônia, desafios como restrições culturais, limitações educacionais, falta de participação política e desigualdades econômicas. Apesar disso, muitas mulheres encontraram maneiras de superar esses desafios mantendo sua cultura pela transmissão de conhecimentos às gerações mais novas.
Algumas mulheres participaram de revoltas e fugas. Elas se uniam a quilombos — comunidades formadas por pessoas que fugiam da escravidão — e lutavam pela liberdade. Exemplos incluem a participação em grupos como os quilombos de Palmares, onde muitas mulheres desempenhavam papéis ativos contra os colonizadores nas batalhas, sendo a preservação de seus costumes e tradições uma outra forma de luta.
A preservação da cultura e costumes africanos foi uma forma importante de resistência. As mulheres mantiveram tradições culturais, religiosas e sociais africanas, apesar da tentativa de apagamento cultural, por meio do incentivo, em todas as formas, ao embranquecimento da sociedade colonial. Quando pensamos na escravização da mulher negra africana é importante frisar que a opressão era diretamente direcionada a um corpo enfaticamente feminino escravizado. Refletir que essa mulher sofreu as mais diversas formas de exploração sendo considerada como um objeto composto somente de um corpo, sem alma, vontade e pensamento próprio, nos provoca compreender a gama de preconceitos em torno da mulher negra contemporânea, nos aspectos físicos, de sexualidade, de religiosidade, de conhecimento e vivência próprios da mulher negra que carrega um mundo de significados ancestrais no seu existir. No entanto a resistência dessas mulheres, apesar de viver sob o julgo de uma sociedade escravista, fez com que elas conseguissem transmitir seus conhecimentos sobre culinária, música, dança e religião para as gerações futuras, ajudando a formar a rica herança cultural afro-brasileira que temos hoje.
Nas comunidades escravizadas, as mulheres eram frequentemente as responsáveis por

cuidar dos filhos e manter a coesão social. Elas transmitiam histórias, ensinamentos, práticas artísticas, religiosas e culturais que ajudavam a preservar a identidade e a força da comunidade escravizada.
O legado das mulheres africanas escravizadas é visível na diversidade cultural do Brasil, incluindo a influência em festas tradicionais, músicas, danças, culinária e religiosidade. A resiliência e a preservação cultural delas ajudaram a formar uma identidade nacional rica e multifacetada. Contrapondo o patriarcado, o colonialismo e, consequentemente o racismo incutido no ideário de uma sociedade construída dentro de ideias escravistas, Parra-Valencia demonstra como a construção eurocêntrica da sociedade ainda está distante da compreensão do feminino nas diversas culturas africanas. Nessas culturas, a mulher aparece significativamente relacionada à vida em sociedade, à fertilidade, maternidade e espiritualidade. Na mitologia iorubá, por exemplo, a força feminina está presente na criação do universo, um oposto da cultura branca eurocêntrica cristã.

[...]a Igreja e o Estado português levaram a ideia de cristandade para as colônias, controlando os fiéis por meio de organizações ligadas à religião. [...] (SANTOS,2019, P.49)

Apesar das contribuições significativas dessas mulheres, suas histórias foram muitas vezes marginalizadas na historiografia tradicional. Na condição de trabalhadoras, as mulheres cativas desenvolviam serviços iguais aos dos homens escravizados, no entanto, vivenciavam experiências diferenciadas, considerando o fator sexual como elemento capaz de intensificar a exploração e expressões de violência. Sobre a condição da mulher negra escravizada, Angela Davis (2016) constata que:

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p. 25).

Contudo, há um crescente reconhecimento da importância de suas experiências e legados, com esforços acadêmicos e culturais buscando destacar e celebrar suas vidas e contribuições, com o incentivo e luta também dos movimentos negros do Brasil. Ainda diante da violência e da opressão da escravidão, os africanos e africanas escravizados conseguiram preservar e transmitir elementos de sua cultura. Essa resistência cultural foi fundamental não apenas para manter vivas suas tradições, mas também para transformar a sociedade brasileira. Entre os exemplos estão: a preservação de idiomas africanos e a criação de formas de comunicação próprias; a religiosidade, que se manteve por meio do sincretismo entre orixás e santos católicos; a música e a dança, que deram origem a manifestações como o jongo, a capoeira e, mais tarde, o samba; a culinária, com pratos típicos como o acarajé e a feijoada; além da construção de comunidades de resistência, como os quilombos, que eram espaços de liberdade e preservação cultural. Dessa forma, podemos compreender que a cultura africana não apenas sobreviveu ao período escravista, mas também deixou marcas profundas e positivas na formação da identidade brasileira.
A resiliência das mulheres africanas escravizadas no Brasil colonial é um testemunho de sua força diante da opressão fortalecida pela cultura branca eurocêntrica. Mesmo submetidas a jornadas exaustivas de trabalho, à violência física e psicológica e à tentativa de apagamento de suas identidades, essas mulheres encontraram maneiras de resistir e preservar sua humanidade. Elas transmitiram saberes ancestrais por meio da culinária, da religiosidade, da música, das danças, das narrativas orais e até mesmo na forma de educar seus filhos. Com isso, contribuíram de maneira decisiva para a formação da cultura brasileira, que hoje reconhecemos em práticas religiosas afro-brasileiras, na capoeira, no samba, nos pratos típicos e nos modos de vida populares. Reconhecer essa trajetória é compreender que a herança cultural e histórica do Brasil não se construiu apenas a partir da matriz europeia, mas

também, e de forma central, pela força e resistência das mulheres africanas e afrodescendentes. Esse reconhecimento fortalece nossa identidade coletiva e nos aproxima das verdadeiras raízes de nosso povo.

As mulheres africanas também foram fundamentais na formação e manutenção de quilombos — comunidades de resistência que buscavam a liberdade e a autonomia. Elas participaram ativamente na luta contra o sistema escravocrata, contribuindo para a formação de um legado de resistência e resiliência. Elas realizavam as mais diversas atividades: trabalhavam nas plantações, no desenvolvimento de atividades produtivas e nos transportes de alimentos, bem como na participação em combates organizados. Tornavam-se ainda, importantes lideranças religiosas, ocupando espaços de destaque como divindades e conselheiras da comunidade, é o que acontece com Acotirene dos Palmares que também promoveu a união entre negros e indígenas no final do século XVI. Em sua homenagem, devido sua grande influência nos atos de resistência para o fim da escravidão, uma das instalações dentro do Quilombo dos Palmares no litoral de Pernambuco, recebeu o nome de Acotirene. Adelina, a Charuteira, conhecida por este nome por vender charutos, escrava e alfabetizada- condição rara na época- foi uma importante informante e articuladora de fugas de negros escravizados. Adelina usava de sua condição de vendedora, e livre circulação na cidade de São Luiz do Maranhão, meios facilitadores para sua atuação no movimento abolicionista da época. Luiza Mahin, quituteira, que se dispunha de sua mobilidade pela cidade de Salvador para fortalecer o movimento de libertação de negros escravizados, transmitindo recados, mensagens e símbolos que auxiliavam nas fugas e lutas. Mãe de Luiz Gama, advogado negro abolicionista, Luiza foi atuante no movimento conhecido como a Revolta do Malês. Ela cedia sua moradia para servir de ponto de encontro e refúgio para negros africanos libertos e escravizados como resistência ao sistema escravista. Acotirene lembrada como uma das primeiras fundadoras de quilombos no Brasil. Na região de Alagoas, Acotirene uniu-se a outros negros e, também, indígenas, dentro de comunidades de resistência a escravidão, sendo grande referência para homens e mulheres que viviam em comunidades quilombolas. Dandara, que também viveu no Quilombo dos Palmares, teve três filhos com Zumbi dos Palmares - homem muito influente no movimento abolicionista referência na contemporaneidade – organizava a vida na comunidade e articulava estratégias militares contra as expedições coloniais escravistas. Lembrada até hoje como símbolo de coragem e resistência feminina, Dandara suicidou-se, preferindo tirar a própria vida que ser levada novamente ao cativeiro.

A contribuição das mulheres africanas escravizadas teve um impacto duradouro na cultura e na sociedade brasileiras. Exercendo o papel, muitas vezes, de conselheiras, sábias em suas comunidades quilombolas e grandes articuladoras de planos de fugas, essas mulheres ganharam grande força para a disseminação de tradições e práticas de seu povo africano e contribuíram para a riqueza da identidade cultural afro-brasileira, visível nas diversas manifestações culturais e sociais do país.

Por muitos anos, a história das mulheres africanas escravizadas foi sub-representada e muitas vezes invisibilizada. No entanto, há um crescente reconhecimento da importância de suas experiências e contribuições, com mais pesquisas e esforços para destacar e valorizar seus legados históricos e culturais, promovendo políticas públicas e sociais para a diminuição do estigma criado por esse legado de uma sociedade escravocrata. Mulheres que sofrem toda sorte de preconceitos e discriminações por sua dupla condição de ser mulher e negra. Ainda há muita luta a ser vencida; as condições de trabalho da mulher negra que ainda enfrenta a diferença salarial comparado aos homens ocupando os mesmos cargos, as vagas de empregos considerados inferiores, como empregadas domésticas diaristas, em relação a mulher branca; a hipersexualização, as condições de moradia ainda muito precárias oferecidas, mães solo com baixo acesso a escolarização ainda são muito presentes na vida dessas mulheres.

“As mulheres negras, além de conviverem

com o racismo estrutural, sofrem ainda de forma mais contundente com o sexismo e a violência de gênero. Como afirma Lélia Gonzalez (1988), a opressão contra a mulher negra no Brasil se manifesta em uma dupla dimensão: a racial e a de gênero, que atuam de maneira interdependente. Nesse sentido, Angela Davis (2016) destaca que as experiências históricas das mulheres negras, desde a escravidão, revelam um processo contínuo de exploração que ultrapassa o racismo isolado, articulando-se também ao patriarcado. Sueli Carneiro (2003) reforça essa perspectiva ao definir que as mulheres negras vivenciam a 'interseccionalidade' de opressões, sendo submetidas a um lugar social marcado pela marginalização, invisibilidade e desigualdade. Assim, a condição das mulheres negras evidencia como o racismo estrutural, somado ao sexismo, perpetua desigualdades históricas e reforça mecanismos de exclusão no Brasil contemporâneo."

A introdução e o papel das mulheres africanas escravizadas no Brasil Colonial são uma parte essencial da história do país. Os movimentos e organizações sociais voltados para essas mulheres que carregam o peso da opressão sofrida por seus antepassados e suas histórias de resistência, são a força que elas precisam para vencer esses estigmas, recuperar sua humanidade, dignidade de viver de maneira igualmente justa. Essa luta ainda não acabou e essa resistência em refletir sobre esse passado sombrio que toma conta das mais diversas áreas da nossa sociedade é a continuidade das lutas pela liberdade e equidade que tiveram início com os corajosos que fizeram tudo o que estava ao seu alcance para mudar a história.

3 CONCLUSÃO

A condição da mulher africana escravizada no período do Brasil Colônia revela uma história de grande resiliência e impacto cultural, apesar das condições de extrema opressão e desumanização que enfrentaram. Essas mulheres desempenharam papéis essenciais na formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, tanto na esfera econômica quanto cultural, e sua contribuição continua a ser fundamental para compreender a história e a identidade do Brasil.

A mulher africana escravizada no Brasil Colônia demonstrou uma resiliência notável. Enfrentando condições desumanas, trabalho extenuante e abusos sistemáticos, elas mantiveram sua dignidade e humanidade através da força individual e, sobretudo, coletiva.

Durante muito tempo, as contribuições das mulheres africanas escravizadas foram marginalizadas ou invisibilizadas na historiografia tradicional. No entanto, há um crescente reconhecimento da importância de suas histórias e legados.

A trajetória das mulheres africanas escravizadas no Brasil Colônia é fruto de luta constante contra a opressão e uma ratificação da capacidade humana, sobretudo feminina, da resiliência e mudança da história. As experiências dessas mulheres e suas contribuições são fundamentais para compreendermos a complexidade da sociedade brasileira que se forma e a riqueza e diversidade de sua herança cultural. Repensar, reconhecer e considerar essas histórias, com a devida importância que elas merecem, é um passo importante para a compensação histórica, para a construção de uma sociedade mais consciente de seu passado fomentando a construção de um melhor futuro para todos e todas. A escravização terrivelmente vivida pela população africana, e com peso ainda maior sobre as mulheres negras que foram sujeitadas não apenas ao trabalho escravizado, mas, também, à exploração sexual, mesmo diante de toda problemática dessa opressão e de intensa apropriação de seus corpos, foi desafiada por mulheres corajosas. Elas enfrentaram todo um sistema que demonstrou toda sua força opressora. Mulheres que foram exemplos de luta e planejaram com destreza e coragem ações de combate às estruturas dominantes da época. Hoje conseguimos reconhecer mulheres que participaram e foram verdadeiras líderes de rebeliões, planejando fugas, formando resistência, que foram fundamentais na organização quilombola, como Adelina, Luiza Mahin, Aqualtune, Acotirene e Dandara. Mulheres que hoje seguem nos inspirando como símbolos de resistência na luta pela liberdade nos mais diversos campos da so-

ciedade brasileira. Deixaram legado de luta, força feminina, inteligência, coragem, protagonismo e inspiração, cujos nomes são usados em espaços públicos, escolas, instituições de movimento negro, movimento feminista e antirracista. Dessa forma retomar essas memórias, além de evidenciar um trajeto marcado pela força e o poder daquelas que lutaram contra a escravização, nos instiga dar continuidade na luta, de formas diferenciadas, pela conquista de direitos e liberdade que, ainda hoje, são ameaçados pelas cicatrizes históricas deixadas na sociedade brasileira. Essas cicatrizes históricas do racismo em nosso país são profundas e estruturais. Profundas porque não ficaram no passado e foram sendo transmitidas, naturalizadas e reproduzidas ao longo dos séculos formando uma sociedade racista. São estruturais porque não se limitam a atitudes individuais e pessoais de preconceito de raça, mas são inseridas numa sociedade que foi sendo formada, historicamente, organizada com pensamentos escravistas. O racismo não é apenas um comportamento de pessoa para pessoa, mas é uma organização de pensamento, funcionamento das instituições e relações sociais. Esse resultado de três séculos de escravidão que foi sendo fortalecido desde a ocasião da abolição. Fortalecido porque não houve políticas públicas que incluíssem os 'ex-escravizados' como cidadãos da sociedade que era predominantemente branca e assim detentora de força política e econômica. A negação de acesso à educação, moradia, trabalho digno e saúde, foi fortalecendo essa estrutura racista da sociedade. Um exemplo desse 'mal' legado é a ideia de que pessoas negras devam ocupar cargos inferiores nas empresas. Sobretudo, as mulheres negras, além de conviverem com esse racismo estrutural, sofrem ainda de forma mais contundente com o sexismo, a violência de gênero, desigualdades sociais vivenciando uma dupla opressão, pela condição de ser mulher, que as coloca em posição de vulnerabilidade e exclusão social. Essa dupla opressão que coloca as mulheres negras em condições de vulnerabilidade, com jornadas triplas de trabalho: durante o dia em empregos mal remunerados, geralmente trabalhando em casas de família, a noite tendo de dar conta dos afazeres domésticos, do cuidado e educação dos filhos. Outrossim temos as mães solo que têm redobrado este trabalho, muitas vezes sem contar com redes de apoio, perpetua as desigualdades históricas herdadas da escravidão e mantida na sociedade brasileira. Todos esses citados são resultados diretos de mais de três séculos de escravidão e a forma opressora de como a sociedade brasileira se organizou. Marcas deixadas que não desapareceram automaticamente em 1888 com a assinatura da Lei Áurea, mas permanecem até hoje em diferentes dimensões sociais e econômicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Jorge; GOMES, Flávio dos Santos. Cultura e Poder: A Presença Africana no Brasil Colonial. Editora: Companhia das Letras, 2000;

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Maria O. L. S. A Mulher no Brasil Colonial. Editora: EDUSP, 1983

MAIO, Marcos Chor. O Cativeiro da Liberdade: Cultura Afro-Brasileira e Resistência. Editora: EdUFBA, 2008;

PARRA-VALENCIA, L., Fernandes, S. L., & Huning, S. M. (2022). "Por uma psicologia da descolonização" - Entrevista com Liliana Parra-Valencia. Revista Polis E Psique, 11,5-21.

REIS, João. O Negro no Brasil Colonial. Editora: Brasiliense, 1995;

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. História da Vida Privada no Brasil Império. Editora: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Ivanir dos. Marchar não é Caminhar: interfaces políticas e sociais das religiões de matriz africana no Rio de Janeiro. Editora: Pallas, 2019.